

Inchou como a Arena, mas acaba antes

TARCISIO HOLANDA

O processo de sangramento que vem sofrendo o PMDB, desde que se instalou a sombra do poder com a Nova República, tem sido mais violento e veloz do que aquele que sofreu a antiga Arena, o partido do regime militar. Do mesmo modo que inchou por conta das adesões oportunistas de muitos dos antigos adversários, o PMDB assiste, agora, a uma deserção em massa de antigos combatentes e de muitos cristãos novos.

É de tal forma que, dos 258 deputados federais e 44 senadores — a maioria absoluta das duas Casas do Congresso — eleitos em 1986, na maior vitória eleitoral de um partido em toda a história do Brasil, só restam, respectivamente, 189 (deputados) e 33 (senadores). É a deserção ainda não foi detida, como uma sangria desatada que ameaça de apertar o organismo partidário.

ESVAZIAMENTO

O PMDB deixou de ser o partido de maior simpatia popular, aura grandiosa com os 20 anos de combate ao regime ditatorial, para se transformar, aos olhos do povo, no principal sustentáculo do governo Sarney, hoje profundamente desgastado perante a opinião pública. Com a perda de substância política e eleitoral, o partido se transforma em barco cujo casco apresenta vários vazamentos, provocando a evasão de muitos militantes antigos e dos que aderiram após o seu

desmantelamento do regime autoritário.

A Arena ainda teve oportunidade de gozar as delícias do poder, ainda que em posição subalterna, de 65 a dezembro de 1978. O PMDB viu frustrar-se seu sonho com a morte de Tancredo e ainda foi obrigado a assumir o ônus da impopularidade de Sarney, embora relegado a ocupar posição secundária (é o Presidente quem manda no presidencialismo). Embora tenha indicado dois ministros da Fazenda (Dillon Funaro e Bresser Pereira), o PMDB teve que se submeter à vontade maior, que é exercitada no nosso sistema de governo pelo Presidente.

As próprias lideranças do partido tomariam a iniciativa de apoiar a aprovação pelo Congresso de uma legislação extremamente branda (com a fidelidade) e demasiadamente liberal na criação e organização de partidos, a qual viria a funcionar como fomentador do esvaziamento de seus quadros, em prazo relativamente curto.

Com a edição do chamado Cruzado II, em novembro de 1986, após a proclamação dos primeiros resultados eleitorais, uma grande frustração se abateria sobre o País. O PMDB foi apontado como principal responsável por um estratagemas, que para alguns foi um verdadeiro estelionato eleitoral. E foi a partir desse grande equívoco que o partido passou a pagar o pato pelas principais frustrações da nova República, partilhando o pro-

fundo desgaste assumido pelo Governo Sarney, quando não sendo responsabilizado pelos seus fracassos.

Esse processo de esvaziamento foi tão intenso que o principal condutor do partido nas lutas contra o regime de arbítrio, o deputado Ulysses Guimarães, teve que sofrer públicos constrangimentos para saltar obstáculos e conquistar o direito de ser o candidato a Presidente da República.

Constrangimentos maiores foram reservados ao velho timoneiro depois de escolhido, quando decidiu mobilizar a máquina partidária em favor da sua campanha. A militância, que não é mobilizada pelos governadores, não demonstra qualquer tipo de entusiasmo para se engajar na campanha daquele que foi o principal responsável pelo carisma da legenda.

Se o partido não vencer as eleições presidenciais deste ano — e suas chances são diminutas face ao desempenho do candidato nas pesquisas — muitos prevêem o seu fim. As deserções aumentariam em tamanho e qualidade de tal forma que o PMDB simplesmente deixaria de ter qualquer expressão política. Só uns poucos, aferrados aos antigos compromissos partidários, ainda acreditam que seja possível superar a fase ruim que a legenda atravessa. Se o PSDB revelar condições de vencer a disputa presidencial certamente será o maior beneficiário das deserções no PMDB.